



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

EIXO TEMÁTICO: GÊNERO E SEXUALIDADE
MODALIDADE: ORAL

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO!

Ana Clara Santos Rodrigues¹
Antonia Benta Da Silva Pereira²
Beatriz Gonzaga Lima³
Francisco Werbeson Alves Pereira⁴
Nara Jéssica Alves De Souza⁵
Samara Calixto Gomes⁶

Resumo

Introdução: A violência de gênero deve ser entendida como um problema de saúde pública. **Objetivo:** Descrever uma ação desenvolvida no primeiro semestre do curso de Enfermagem **Método:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido com acadêmicos de enfermagem da Universidade Regional do Cariri-Urca/UDI. **Resultados:** É necessário maior explanação sobre violência de gênero durante a graduação. **Considerações Finais:** então é essencial que o profissional de saúde esteja preparado para lidar com essas situações. Seu preparo durante a graduação é fundamental.

1. Introdução

Quando vamos definir a palavra violência podemos elencar vários sentidos, no qual vão em direção a uma conduta de ação ou omissão perante determinada situação no qual o indivíduo se encontra. Assim, podemos dizer que suas formas são tão numerosas quanto seus sentidos. A violência está presente em nosso cotidiano. Estamos propensos no nosso dia-a-dia a nos deparar com ela e suas várias formas (MODENA, 2016).

Poderíamos elencar os mais variados tipos de violência sofrida contra a mulher, dentre eles: a violência simbólica, caracterizada por uma ordem que já se encontra instalada na cultura e convenções sociais e expressada através da ordem masculina; sexual, quando existem ações que

¹ Discente da Universidade Regional do Cariri – URCA/UDI. Membro do grupo de pesquisa: Clínica, cuidado e gestão em saúde-GPCLIN. anaclarasantos67@hotmail.com

² Discente do Curso de enfermagem. URCA/UDI. Membro do grupo de pesquisa: Clínica, cuidado e gestão em saúde-GPCLIN. Membro do projeto de extensão cuidando com brinquedos: a utilização do brinquedo terapêutico a criança hospitalizada. antoniabenta23@gmail.com

³ Discente do Curso de enfermagem. URCA/UDI. Membro do grupo de pesquisa: Clínica, cuidado e gestão em saúde-GPCLIN. Membro do projeto de extensão cuidando com brinquedos: a utilização do brinquedo terapêutico a criança hospitalizada. gonzagabeatriz383@gmail.com

⁴ Discente do Curso de enfermagem. URCA/UDI. Membro do grupo de pesquisa: Clínica, cuidado e gestão em saúde-GPCLIN. Membro do projeto de extensão Cineclube saúde: tecendo reflexões sobre saúde através do cinema. E-mail: Franciscowerbeson@gmail.com

⁵ Discente do Curso de enfermagem. URCA/UDI. f.danielnf@hotmail.com

⁶ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da disciplina de Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, da Universidade Regional do Cariri – URCA. Coordenadora do Projeto Educação em Saúde e Sexualidade. E-mail: samaracalixto@hotmail.com.



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

obrigue uma pessoa a manter contato sexual com uso da força ou qualquer outro meio que anule ou limite a vontade pessoal; psicológica, destinada a controlar ações, comportamentos, crenças e decisões de uma pessoa; moral, onde envolve calúnia, injúria e difamação e patrimonial, onde será configurada por qualquer tipo de ato no qual retenha os bens dessa mulher ou a proíba de tê-los.

CORREIA (2011) diz que a violência entre as pessoas em geral segue um padrão de agressão. Em relação aos abusos sofridos pelas mulheres não seria diferente já que existe todo um ciclo de violência que pode ser caracterizado. De uma forma geral as mulheres atacadas nem sempre são vítimas de uma agressão constante, ou seja contínua, nem a violência acontece por acaso. As agressões acontecem de formas repetitivas, começando com um nervosismo e depois um pequeno ato de violência seguida de uma fase amorosa tranquila.

Enquanto Roraima, no ano de 2013, apresentou uma taxa de homicídio de mulheres superior a 15 por cem mil, os estados do Piauí e de São Paulo apresentaram taxas inferiores a 3 homicídios por grupo de cem mil mulheres. A taxa isoladamente não reflete a complexidade do fenômeno, ou seja, ela não necessariamente fornece dados quantitativos que representem de fato a realidade vivida por essas mulheres, embora forneça indícios e sirva como forma de elaborações de políticas mais específicas para tais. É necessário considerar a probabilidade de subnotificação, ou de classificação diferentes entre os estados para o mesmo tipo de violência (BRASÍLIA, 2016).

Baseando-se nas informações supracitadas, faz-se necessário difundir informações acerca dessa temática, de modo que possa conscientizar cada vez mais a população sobre esse grande problema de saúde pública.

2. Objetivo

Descrever uma ação desenvolvida no primeiro semestre do curso de Enfermagem

3. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido com acadêmicos de enfermagem da Universidade Regional do Cariri-Urca/UDI, como resultado de ação da disciplina de GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE REPRODUTIVA, voltada aos alunos do 1º semestre.

A atividade aconteceu em apenas um encontro, onde foi trabalhado a temática violência de gênero. A ação foi dividida em três etapas. Na primeira, houve uma breve explanação sobre os principais conceitos de violência. Na etapa seguinte, houve a formação de uma roda de conversa com discussão do tema, onde várias dúvidas foram sanadas. Na terceira e última etapa, foi apresentado as atribuições do enfermeiro, mostrando de que forma esse profissional pode atuar em



4. Resultados e Discussão

Durante a explanação sobre o que os acadêmicos entendiam por violência contra a mulher ficou evidente as noções que os mesmos tinham sobre violência física, psicológica e moral. E de como eles entendiam a questão como um problema de saúde pública e histórico. Os debates ao longo desse primeiro momento proporcionaram esclarecimento de dúvidas e um aprofundamento maior no que diz respeito aos tipos de violência além da física, moral e psicológica.

Muitos profissionais ainda acreditam que a violência doméstica, aquela na qual acontece dentro do lar, é um problema pessoal e privado e, por isso, eles não têm o direito de intrometer-se nesse tipo de assunto, já que é um problema social ou legal, e não o relacionam com um problema de Saúde Pública. Alguns pensam também que as mulheres gostam de apanhar, senão não ficariam com o agressor. As percepções descritas acima são todas equivocadas, o que contribui para a perpetuação da violência contra a mulher, uma vez que o profissional perde a oportunidade de realizar uma intervenção qualificada. (VILELA, 2008).

Para Ferraz et al (2009) existem alguns passos que podem integrar as ações do cuidado de enfermagem, que são eles: Acolher; Auxiliar a vítima a estabelecer vínculo de confiança individual; Avaliar o histórico da violência; Mobilizar recursos sociais e familiares; Dialogar com a mulher sobre as opções de lidar com o problema; Apoiar a vítima que deseja fazer registro policial do fato; Fazer encaminhamentos à outros órgãos competentes quando necessário; Incentivar a construção de vínculo com as redes de assistência; Encaminhar para atendimento clínico os casos de lesões graves; Sugerir à vítima atendimento para o casal ou família no caso de continuidade da



5. Considerações finais

Em decorrência dos graves índices no qual essas mulheres estão suscetíveis o sistema de saúde tem grande importância nesse contexto, seja para identificar ou cuidar dessas mulheres, contudo é necessário que os profissionais de saúde também estejam habilitados para atendê-las. Surge uma necessidade então do profissional ter consigo tanto um conhecimento científico, legislativo como empático pela situação na qual a essa mulher esteja passando.

REFERÊNCIAS

FERRAZ, et al. O cuidado de enfermagem a vítima de violência doméstica. **Cogitare enferm**, v 14, n° 4, p. 755-9, out./dez., 2009



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

MODENA, MR(Org). Conceitos e formas de violência. **EDUCS**. Caxias do sul, RS, 2016.

VILELA, LF(coord.) Manual para atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do distrito federal. BRASÍLIA. Secretaria do estado de saúde do distrito federal, 2008.